

Fonte A Crítica Class.: Waimiri-Atroari  
 Data 18/09/93 Pg.: 426

### WAIMIRI-ATROARI

## Índios repovoam rios com 1,5 mil quelônios

Orlando Farias

Os índios Waimiri-Atroari escolheram o paraíso para morar. Perseguidos implacavelmente pelos primeiros colonizadores, eles abandonaram as margens dos grandes rios da Amazônia. Foram dar nas cabeceiras de rios encachoeirados como o Alalaú e Jauaperi, na divisa do Amazonas com Roraima. O lugar escolhido era envolto por uma flora com orquídeas exuberantes, muita fartura de caça e peixe, praias naturais que serviam de 'tabuleiro' para desova de quelônios, além de belas cachoeiras e cavernas.

O paraíso começou a desmoronar com a construção de uma estrada (a BR-174) e de uma hidrelétrica (a de Balbina) que inundou duas de suas malocas e 30 mil hectares de seu território. O impacto produzido entre os anos setenta e oitenta pelos dois empreendimentos foi agravado pela descoberta da maior mina de cassiterita do país (a do Pitinga) em seu subsolo.

O represamento das águas pela hidrelétrica de Balbina e a contaminação de rios como o Alalaú e o Tiarajá por detritos da extração de cassiterita, fez desaparecer uma parte dos tabuleiros de quelônios, principalmente nos rios Abonari e Uatumã. A população de peixes foi reduzida drasticamente. A vida só não ficou mais insuportável porque eles lutaram e obtiveram um Programa de Apoio com recursos da Elettronorte.

**Quelônios** — A conquista dos índios levou o nome de Programa Waimiri-Atroari, um consórcio para aplicar os recursos em saúde, educação e na recomposição ambiental de seu território. Em 89, eles partiram para repovoar os seus rios de quelônios. Como não existiam mais praias naturais para a desova das tartarugas, os índios foram obrigados a construir uma artificialmente no lago do Nawa, região do Alalaú. Para isso, foram necessárias 29 ca-

mbas de areia transportadas pelo 6º Batalhão de Engenharia e Construção do Exército.

Em 92, eles começaram a criar os quelônios em cativeiro. O berçário semi-natural foi instalado no lago Jundiá e recebeu 3.633 filhotes. Entre abril e junho desse ano, época em que os rios alcançam o maior volume de água, os filhotes seriam lançados às águas. Um novo rompimento de uma barragem na mina de cassiterita explorada pela mineradora Taboca, em abril, poluindo a bacia do Alalaú, adiou esse plano.

A repovoação dos rios foi iniciada somente na semana passada com o lançamento dos primeiros 1,5 filhotes de tartaruga nos rios Alalaú e Abonari. Os próprios índios levaram os filhotes às águas. Sonhando com a fartura de antigamente em seus rios, os Waimiri-Atroari decidiram construir uma maloca de vigilância no rio Jauaperi, por onde muitos pescadores tem entrado na reserva para capturar as tartarugas que restaram nas praias da reserva.

**Conservacionistas** — O coordenador de meio ambiente do Programa Waimiri-Atroari, Robert Pritchard Miller, não reduz o empreendimento apenas ao repovoamento dos rios. Segundo ele, os conhecimentos e tecnologia gerados pelo projeto poderão servir para a consolidação de uma atividade econômica aos índios, com a comercialização dos produtos garantida pelo Ibama.

"Os waimiri-atroari incorporaram nos últimos anos importantes noções conservacionistas", diz o coordenador, lembrando que alguns deles ficaram impressionados quando visitaram a capital amazonense e viram os seus igarapés poluídos e mortos. Os índios sabem que não terão mais o paraíso de volta. Aprenderam, entretanto, segundo Robert Miller, que o homem destrói a natureza mas também pode fazer o caminho de volta e restaurá-la.



As tartarugas foram jogadas nos rios Alalaú e Abonari